Síntese de temas relacionados à aula do dia 03/09/2020:

Exercício humano de diferenciação. A roda de cura e o sentido da consciência criadora.

Exercício humano de diferenciação

O processo de diferenciação representa a maneira como experimentamos nossa humanidade. À medida em que nos relacionamos, valorizamos aspectos diferentes de nossa constituição e produzimos realidades subjetivas e simbólicas para nos reconhecer. Da mesma forma, instituímos diferentes contextos para legitimar nosso acionamento do mundo. O processo de diferenciação começa na natureza e prospera na experiência humana na medida em que nos investimos afetivamente em um sentido e produzimos campos de significados para demarcar como nos alimentamos, nos relacionamos, nos satisfazemos, nos reconhecemos; essencialmente como constituímos identidade.

Não existe um consenso sobre a realidade de significados com relação ao que sustenta todo ser humano. Isto é facilmente observável em sua vasta experiência histórica no sentido de produção cultural. Nossos conflitos dão notícias de discordâncias com relação a valores e sua importância para o nosso sustento.

É uma característica do humano uma abertura que o impele a um exercício de preenchimento, de ser em obra, inacabado. Tal situação se configura como a oportunidade que estabelece o amplo campo de expressão e criação que constitui o exercício humano. Ao reconhecermos nossa humanidade como um exercício, somos convocados a lidar com a realidade dos encontros que nos implicam, e com como a diferença nos mobiliza. Ou seja, a humanidade que experimentamos e aquela que encontramos. Por meio desta proposta, nos empenhamos em celebrar nossa dimensão íntima, sensível, emocional e constituição corpórea que são comuns como uma base

demarcadora de encontro e ponto de acordo frente à vida. Historicamente, diferentes demarcações de nossa humanidade em propostas de mundo e de homem foram amplamente utilizadas para modelar ou aniquilar a diferença.

O exercício humano representa o esforço de conciliação com nossas condições fundamentais e constituição de uma individualidade autêntica capaz de celebrar sua participação na vida.

A roda de cura

As rodas de cura são propostas originais dos índios nativos norte americanos. São assentamentos reveladores da integridade de um grupo engajado em ser agente de fertilização do lugar que habita. São demarcações afetivas capazes de elevar a natureza à condição de espírito e revelar suas estruturas arquetípicas e dimensões inconscientes. Representam exercícios de reverência à natureza que suporta e sustenta a cultura. São formas de cultivar consciência e compor um senso ampliado de pertencimento e participação na vastidão da vida que nos cerca.

A roda de cura é o caminho que canaliza as potências instintivas em benefício da produção de uma consciência capaz de celebrar a vida.

No método Aletheia concebemos uma roda de cura que indica os esforços necessários para a constituição de uma individualidade aberta às relações e engajada no reconhecimento da profundidade de nosso pertencimento e participação na natureza.

A roda de cura se divide em quatro campos de experiência caracterizados pelos esforços necessários para se acordar sujeitos de organização psíquica correspondentes às necessidades de organização de nossa vitalidade. São estes: o Eu, o Tu, o Nós e o Vós.

O Eu representa o desafio de constituir um senso de si mesmo fundamentado na expressão do próprio potencial e no despertar da sabedoria instintiva. Nossas potências se encontram disponíveis em nossa sexualidade e precisam ser convocadas para mobilizar nossos investimentos afetivos em acordo com os sentidos assumidos no

processo de diferenciação. É necessário se desenvolver a boa relação consigo de forma a produzir um asseguramento íntimo. Este campo é caracterizado pelo exercício da honestidade, ou seja, a capacidade de sentir e reconhecer as demandas da intimidade. Todas as emoções são agentes legítimos de organização de nossa vitalidade.

O Tu representa o desafio de produzir consciência no engajamento com as relações, na medida em que somos implicados pelos encontros. Por sermos seres relacionais, grande parte de nosso sustento afetivo depende de nossa capacidade de estabelecer trocas e de produzir valor. Todo outro representa em parte um opositor natural à plena expressão de nossa vitalidade, demandando assim a produção de um senso de liberdade pautado por condições engajadas em acordos. Na medida em que somos capazes de convocar parcerias favoráveis aos nossos significados e sentidos amadurecemos emocionalmente e produzimos sustento afetivo fundamentado em experiências de vida vivida, e não em ilusão meramente subjetiva ou projeção em distanciamentos da presença.

Este campo é caracterizado pelo exercício da autenticidade, ou seja, da capacidade de se colocar frente ao outro e ter sua realidade sensível verdadeiramente testemunhada no engajamento com a produção e renovação das relações.

O Nós representa o desafio de integrar a própria história e assimilar as condições colocadas pela situação da família no próprio nascimento.

Todos nascemos em um contexto relacional, um "Nós", que constitui as bases de articulação das permissões com relação à vida. É necessário se revisitar esta intrincada rede de afeto de forma a colher as potências retidas em dinâmicas infantis e ampliar o esforço criativo de produção da própria individualidade no sentido do diálogo com a diferença. O amor prospera na medida em que nos investimos no desconhecido e somos fertilizados pelo diferente.

Este campo é caracterizado pelo exercício da reverência, a capacidade de fazer dobras afetivas com relação às próprias experiências de vida vivida e conjugar em favor da satisfação a vitalidade. Ao mesmo tempo somos desafiados a reconhecer em que medida foi determinante ou fundamental a ocasião de nosso nascimento e o convívio com os entes familiares na constituição de nossa realidade. Quando conseguimos reverenciar nossa origem e família assumimos verdadeiramente o

cuidado para com as nossas necessidades, libertando assim os outros de demandas de carências afetivas e tensionamentos oriundos da falta de cuidado consigo.

O Vós representa o desafio de se investir no desconhecido sendo capaz de produzir um sentido representativo da realidade de significados que nos sustentam afetivamente. Nos encontramos ofertados pela vida ao desconhecido e precisamos nos colocar frente a ele criando. O sentido do corpo é a morte, sua devolução à natureza. O sentido do Eu é alguma dimensão de disponibilidade e produção de valor frente a esta realidade que revela a fertilidade inerente à relação de nascimento e finitude; experiência de entrega a algum propósito ou de empenho em alguma proposta que contemple o valor da vida exatamente por ser a mesma transitória. A experiência da vida não se basta na perspectiva individual, por isso precisamos contemplar demarcações mais amplas de conscientização do encaminhamento da mesma.

Este campo também é caracterizado pelo exercício da disponibilidade. Esta representa a capacidade de fluir, se reconhecer em constante estado de mudança, preenchimento e esvaziamento, tal qual um agente íntegro participante da vasta natureza que nos sustenta. A conciliação com a natureza é o grande propósito daqueles que praticam Aletheia. O Vós representa a dimensão de excelência que o ser humano pode conquistar na medida em que se dedica ao bem comum.

O sentido da consciência criadora

Na medida em que criamos, nos conscientizamos da grandiosidade que nossa maneira de acionar o mundo pode estabelecer conjugando a natureza em benefício de um senso de participação. Tudo o que é vivo partilha da vitalidade e em seu caminho pode colaborar para o seu sustento e prospecção. Vida é uma realidade coletiva. Sendo o ser humano também parte da natureza ocasionadora de toda a vida, ele se encontra encarregado de conjugar em seu sustento um sentido que comtemple a integridade da mesma. A capacidade de criar é uma característica própria do ser humano, tanto uma necessidade quanto um trabalho em benefício de todos. Quando criamos, assinalamos a riqueza das potências que nos sustentam e transportamos para uma dimensão simbólica toda vida que se dedica a nós, assim imortalizada e celebrada pelo cultivo do ser humano.

O primeiro trabalho de criação é a própria individualidade no compromisso com a intimidade e no engajamento com as relações. A psique é uma fonte abundante de fluxos de vitalidade que se expande através de nós na medida em que nos abrimos para a vida por meio das relações. Para libertar as nossas potências de dinâmicas regressivas e do governo de impedimentos que instauram a falta é necessário, por meio do processo de integração psíquica, se diferenciar dos pais e se interessar pelos conteúdos sombrios que tem a tendência a se projetar e determinar acontecimentos.

A criação se expande para o diálogo capaz de atualizar a realidade psíquica frente ao tempo presente e influenciar a forma de ser e constituir meios de convívio.

Nosso corpo possui a memória da criação da vida, que pode ser acordada aprofundando a consciência em um senso de participação que constitui a base para a experiência espiritual. Nos realizamos na medida em que saboreamos a vida e também nos dedicamos ao seu encaminhamento longevo.

Em nosso tempo experimentados um imediatismo excessivo e abusivo com relação às demandas de nossas necessidades afetivas em termos de pertencimento e participação na grandiosidade da vida. Quem vive por si mesmo, ou tão somente vislumbrando o benefício próprio, se aliena das consequências e repercussões para o sistema que sustenta a vida, deixando um legado de destruição.